






## SEGUIR INDÍCIOS: INFÂNCIA ENTRE ADULTOS E BEBÊS NA OBSERVAÇÃO RESPEITOSA DE SUAS AÇÕES

**Follow clues: childhood between adults and babies in respectful observation  
of their actions**

Carla **ALMEIDA**  
Faculdade de Educação  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Seropédica - RJ, Brasil  
[salmeida.carla@gmail.com](mailto:salmeida.carla@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1797-4931> 

Nazareth **SALUTTO**  
Universidade Federal Fluminense - UFF  
Faculdade de Educação  
Niterói - RJ, Brasil  
[nazarethssalutto@gmail.com](mailto:nazarethssalutto@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-8043-595X> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



AGUILERA, Maria Isabel Cabanellas; CABANELLAS, Maria Clara Eslava; CABANELLAS, Juan José Eslava; RUBIO, Raquel Polonio. **Ritmos infantis**: tecidos de uma paisagem interior. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

## RESUMO

A observação como gesto respeitoso em direção às ações e movimentos dos bebês. A intencionalidade do olhar para compreender o ritmo como marca do infantil que constitui bebês e adultos e, por isso, se traduz em ética e estética relacional. Essas são as pistas que conduzem a leitura do livro que originou a presente resenha.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infâncias. Ritmo. Observação. Respeito. Educação Infantil.

## ABSTRACT

Observation as a respectful gesture toward understanding babies' actions and movements; looking intentionally seeking to understand rhythm as a trait that constitutes babies and adults and, therefore translates itself into relational ethics and aesthetics. These are clues that lead to the reading of the present book.

**KEYWORDS:** Childhoods. Rhythm. Observation. Respec. Early Childhood Education.

Viver o tempo da infância é surpreender-se com os fatos que se transformam em acontecimentos, que nos emocionam porque trazem de volta a memória e a nostalgia de emoções aparentemente esquecidas. Essa "vertigem atrativa do acontecimento" nos convida a arriscar a interpretar o enigma do significado das ações infantis como uma maneira de entender melhor a nós mesmos (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 22-23).

Publicado no Brasil no início de 2020, o livro **Ritmos infantis: paisagens de um tecido interior** soma-se às vozes que se levantam na luta pela defesa dos direitos das crianças.

Como plano geral o livro trata da complexidade da infância, estruturado a partir de dois principais temas: *o sabor do tempo e as emoções das pessoas*. Logo nas primeiras páginas as autoras e autor delineiam e definem a observação intencional e respeitosa como estratégia metodológica que subsidia as reflexões em torno dos rítmicos e expressivos movimentos infantis.

A natureza intencional das observações construídas e apresentadas não se limitam a apresentar sequências documentais dos percursos investigativos realizados pelos bebês. No decorrer do livro, é destacado o papel dos adultos na construção das paisagens compartilhadas. Sua tarefa é construir estratégias que sustentem os direitos dos bebês a terem tempo de se relacionar e de produzir sentidos no encontro sócio, sensorial e plástico com a cultura: "ainda estamos aprendendo a tratar os bebês e crianças pequenas com o respeito que merecem em seu processo de descoberta do mundo e do delicado, complexo e, por que não dizer, encantador processo de construção de sua personalidade" (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 10).

Com sua natureza teoricamente multidisciplinar – uma artista plástica, uma arquiteta, um compositor musical, uma socióloga e prefaciado pelo educador Alfredo

Hoyuelos – propõe que a diversidade dos lugares e de modos de olhar visa à sensibilização para os atos de observar, escrever e produzir sentido sobre as manifestações infantis, convidando a refletir esteticamente sobre a “infância em seu ritmo de aprender e produzir cultura” (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 22).

A observação é tomada como ato ético e responsável, que tem no tempo o seu principal alicerce de fundamentação e construção metodológica, sensibilizando para a abertura relacional, para o convite ao inacabamento e ao desafio de sustentar a provisoriamente, produzindo uma estética do olhar que visa mais indagar do que responder. Nesse sentido, os movimentos construídos e executados pelos bebês ganham centralidade pela coreografia relacional constituída nos gestos sutis. A urdidura teórico-metodológica caminha na contramão de práticas e projetos - de nação, institucionais, pedagógicos - pautados em perspectivas hegemônicas de sujeito, de cultura, de relações e sustenta a relação como princípio, tensionando uma suposta objetividade pretendida no conjunto das ações observadas.

Indicado para todos que se comprometem com a construção de relações respeitadas e de escuta das crianças, a proposta do livro apresenta sensível contribuição para a Educação Infantil, subsidiando aprofundamento ético e metodológico para indagações, tais como: que concepções subsidiam as dinâmicas relacionais constituídas no interior das instituições que recebem as crianças, desde bebês, na tarefa de compartilhamento de sua educação? Que princípios orientam as práticas pedagógicas realizadas nas instituições? Essas indagações, acenam para que a formulação de planejamentos da organização cotidiana pautados na busca por compreender indícios e pistas revelados pelo tecido das infâncias. As reflexões suscitadas por esses questionamentos podem sensibilizar professoras e professores a “retornar seu trabalho com um olhar estético renovado” (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 41). Um olhar que confirme os bebês como pessoas de atuação no mundo, movidos por ritmos que, respeitados e acolhidos pelo ambiente que os circunda, redimensionam tensões no interior das culturas, sobretudo aquelas constituídas pelas batidas de um relógio apressado e fugaz, muitas vezes nomeado de progresso.

As *paisagens* observadas e compartilhadas aconteceram na Escola Infantil Villava (Navarra), mais especificamente no “ateliê de expressão, escolhido como local de trabalho de campo, pois oferece um ambiente educativo organizado em torno do fazer criativo” (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 74). As sessões de observação duraram por uma hora a cada dia, envolvendo quinze bebês entre sete e

dezesseis meses; também participaram as educadoras das crianças e duas pessoas do grupo de pesquisa envolvidas na gravação. Como método, as autoras e o autor assumem como prerrogativa a observação da temporalidade das ações das crianças, assumindo-as como

estratégias investigativas das quais emergem pistas ou sinais, esboços de respostas, aptos para discussão e uma relação dialógica com o objeto de estudo, tomando cuidado com as respostas que surgem como evidentes, rápidas e generalizantes. Para isso, é necessário assumir a ambiguidade, bem como as contradições próprias da realidade observada, e focalizar a atenção nos sinais gerados por essas contradições (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 47).

No contexto escolar, "o conjunto de processos temporais observáveis tem uma complexa rede de elementos interconectados, difíceis de descrever com base na visão linear e unidimensional tradicional como costumamos olhar o tempo" (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 58-59). Ainda sobre a metodologia: "o tema, as propostas, o papel do educador e o número de crianças participantes são elaborados com base nas perguntas que surgem após cada visualização e na primeira análise da sessão anterior, realizada na presença de outros educadores da escola" (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 76).

A pesquisa é sustentada na afirmação de que "observar não é apenas receber, é revelar" (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 75). Assim, das paisagens emergem pistas que são chaves para analisar as investigações das crianças, com o intuito de inscrever suas interpretações do mundo infantil sob o tripé da ética, da estética e da ciência.

## **RITMO – O DESRELÓGIO PARA UM OUTRO EXERCÍCIO DE RELAÇÃO COM O TEMPO**

O conceito de *ritmo* também se desponta como eixo estruturante na construção do material compartilhado. O sentido atribuído pelas autoras e autor ao conceito-categoria está articulado com a perspectiva de *tempo*, exercitada por elas/ele, no sentido de organizar intencionalmente a temporalidade das observações, instituindo uma educação sensível e estética do olhar endereçado aos movimentos dos bebês. Nesse sentido, o propósito da observação está na intenção de capturar o fragmento, ampliando-o sob lentes que visam compreender os vestígios produzidos pelas infâncias:

ritmos infantis são definidos como *redes abertas de acontecimentos no tempo*: variações internas de um gesto ou movimento do corpo, sem a necessidade de serem marcadas com precisão: a velocidade, densidade ou fluxo espacial de um

movimento, nem as linhas, direções, modulações, contrastes de intensidade, mudanças na velocidade, altura ou duração. a partir desse conceito de ritmo são assumidas as brincadeiras de impulsos e pausas, expansões e repetições *que dão às ações o caráter de figuras sujeitas a medidas temporais ou espaciais mais ou menos difusas*; ou ondas que correm sem medidas especiais, direções, modulações, contrastes de intensidade, alterações na velocidade, altura ou duração (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 217. Grifos próprios).

Relevante para quem trabalha com os bebês, a *ritmicidade* (CICCONE, 2017) revela que, por meio dela, o bebê atua de modo a modular os próprios processos de constituição de sua subjetividade na interface com o ambiente externo e sua materialidade. Em contrapartida, os sinais devolvidos pelo ambiente - sonoridades, diálogos, texturas, temperaturas - permitem aos bebês compreenderem e produzirem sentidos sobre o espaço e o tempo que os acolhe. O encontro entre ritmo interno do bebê e resposta do ambiente favorece o estabelecimento de um ritmo próprio, *em pequenas doses* (WINNICOTT, 2014), paulatinamente em comunhão com os tempos das culturas.

Winnicott (2014), compreende como ambiente tudo aquilo que rodeia o bebê: as pessoas, os espaços e suas materialidades. Assim, o modo como o ambiente acolhe os bebês revela a natureza de respeito aos ritmos ditados pelo espaço construído pelos bebês nos processos interativos: "a ritmicidade concerne, então, a todas as interações, os ajustes, as afinações, no laço com o bebê. A ritmicidade externa se articula, se harmoniza com o ritmo interno para fazer eclodir essa dança, essa coreografia do encontro entre o bebê e seu parceiro (CICCONE, 2018, p. 17).

Se, como elemento pulsante e irrepitível da pessoa que vive, o *ritmo* não pode ser capturado, para as autoras e o autor ele produz vestígios, e esse é o material a ser tomado como observação intencional por parte do olhar externo:

percebemos o ritmo, estamos imersos nele, é possível que as ações, gestos, atitudes que observamos ou que vivemos sejam produzidos como expressão de uma ordem. Essa *ordem, flexível e viva, é ao mesmo tempo uma projeção de uma ordem interior e um processo de compreensão da ordem do mundo*. É o fato fundamental pelo qual ocorre um encontro significativo e construtivo com o ambiente (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 58. Grifos próprios).

Observando as ações na temporalidade (*mecanismos geradores de ritmo*) (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 58) das infâncias, as *paisagens* e suas possíveis análises vão tecendo um pano de fundo que tensiona perspectivas sobre desenvolvimento biológico, cognição, aprendizado que visem justificar projetos e práticas homogêneos. Ao contrário, a aposta está em uma pedagogia que se concretiza em gestos pautados por *ritmos* que correspondam à

singularidade dos encontros (*não lineares*) (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 58) de cada bebê com o ambiente.

A discussão levantada trata do *respeito* às crianças, cujas experiências são marcadas e constituídas por temporalidade distinta do adulto, muito embora também seja constituinte da subjetividade deste último, aproximando sensivelmente essas duas realidades: “o ritmo não é uma sequência temporal externa (por exemplo, uma sequência de palmas) que deve ser “aprendida”, mas uma dimensão essencial inerente a tudo que está vivo” (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 57).

## **O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA- A INFÂNCIA ENTRE O PESQUISADOR E OS BEBÊS.**

Compreender os ritmos das crianças exige percorrer um caminho de perguntas que surgem da “escuta” da criança, numa circularidade que nos permite colocar entre parênteses nossas pressuposições habituais sobre o que esperamos das crianças. [...] Formulamos nossas perguntas sobre o ritmo infantil em seu primeiro ano de vida, considerando que a criança se produz diante de nós como mistério; sua curiosidade desperta a nossa curiosidade; nossa incerteza desperta sua incerteza (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 121-122).

Estar diante dos bebês é também colocar-se diante do novo que não segue caminhos prescritivos. Para tanto, faz-se necessário que o pesquisador tome para si a capacidade de se distanciar de certezas enrijecidas para se aproximar do que é próprio da infância, dos seus processos criativos e criadores. O caminho a ser trilhado pelos pesquisadores é também um caminho que se reveste de infância, que busca o olhar infantil para se aproximar dos bebês e seus ritmos. Distanciar-se do conhecimento prévio que determina muitas certezas para aproximar-se da dúvida, da curiosidade, da invenção. A infância não é algo apenas a ser observado, mas algo também a ser (re)vivido. A liberdade dos gestos, dos ritmos e movimentos infantis está ligada ao olhar adulto que acompanha, na busca por “construir uma imagem da infância aproximando-nos do âmbito da criação, da imaginação, do frescor do novo” (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 124), que coloca a criança diante de um olhar cuidadoso e interessado do observador.

A opção por não definir estruturas teóricas definitivas não exclui o rigor e o estudo que conduzem o processo investigativo. A abertura multidisciplinar caracteriza o caminho metodológico na busca das “pequenas pistas” deixadas pelos bebês e elucidam o trajeto para entendermos seus ritmos e tempos no encontro com o mundo. As crianças não se encaixam em categorias simples, e por isso se faz necessário abraçar toda a sua

complexidade, considerando a multiplicidade de possibilidades que elas revelam para nós.

A aceitação da complexidade também se torna um princípio fundante da pesquisa. Estar com as crianças é aceitar que toda a ordem parte do caos e que o caos é potência criadora. Observar os bebês é observar seus processos de existir, de se fazer presentes no mundo e aceitar que a pesquisa que se desenvolve em conjunto com as crianças não dará conta de explicar a criança em si, mas sim assumir e reafirmar a complexidade de sua existência. As *paisagens* construídas por meio das observações realizadas no campo da pesquisa revelam apenas “a ponta do iceberg do que é cada menino, cada menina” (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 128), e é justamente a negação de um caráter explicativo dos bebês em si que sustenta o olhar diferenciado das pesquisadoras e pesquisador sabendo que “conhecer requer estar ciente de que sempre há algo impenetrável, que não pode ser explicado exhaustivamente” (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 130).

Os registros em vídeos são o recurso utilizado pelos pesquisadores na observação dos bebês na instituição de Educação Infantil. A documentação filmográfica surge como uma forma de produzir um olhar do observador sobre os gestos infantis, revelando não só os movimentos das crianças, mas também a materialização da plasticidade dessas ações que se desenrolam nos registros gravados. Os vídeos se tornam também um recurso estético do olhar do observador, que permite focar sua atenção nos inúmeros detalhes que os bebês, os materiais e os espaços proporcionam. Os registros cumprem não apenas o papel de tornar visível o material da observação, como também aponta um caminho: “parar diante do encantamento que produz em nós uma ação da criança, sabendo que poderíamos sair e entrar nele, repetindo as sequências para procurar novos horizontes em cada nova ação” (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 142).

As experiências vivenciadas e registradas com os bebês no interior da escola surgem como uma forma de decifrar os ritmos - descontinuidade, velocidade e densidade - daquele ambiente cujo relógio, muitas vezes, é marcado pela linearidade dos acontecimentos, dos movimentos, dos espaços. De que forma acolhemos os tempos vividos pelos bebês? Como olhamos para os seus gestos, seus movimentos? É o fluir dos ritmos infantis que conduzem o vivido na escola, que trazem as marcas do acontecimento e as minúcias das descobertas experimentadas por eles.

As observações descritas no livro são narrativas geradas a partir dos vídeos gravados durante os meses dedicados à pesquisa no interior do ateliê da instituição. As

ações narradas são experiências vividas pelos bebês a partir de seu contato com materiais plásticos, brincadeiras com água e luz, pintura, instrumentos musicais e ambientes sonoros. Os materiais e elementos são os dispositivos que convocam os bebês à experimentação, à curiosidade, aos gestos, movimentos rítmicos de descobertas e interiorização do conhecer o mundo.

O olhar sobre os bebês e sobre seus gestos se revela no modo de considerar que cada movimento importa, cada gesto tem algo a comunicar. No decorrer da leitura é possível observar a materialidade do tempo passando de diversas formas, seja na duração das ações descritas, bem como na idade dos bebês que vão crescendo no caminhar da pesquisa. A seguir, destacamos três registros filmográficos-narrativos, na intenção de provocar o olhar para os ritmos dos bebês. Cada narrativa traz o nome dos bebês, sua idade e o tempo de duração do processo registrado.

**Miren**, onze meses. Três processos de sessenta, quarenta e cinco e cinquenta minutos de duração.

Apresentamos três sessões de pintura realizadas por Miren no período de um mês. São sessões longas que duraram até uma hora. Na primeira sessão, a menina está sentada no chão, sobre uma grande superfície de papel. À sua frente, ela tem potes de tinta e pincéis grossos à sua disposição. O olhar tem ritmos que alternam perto-longe. Olhares longos e curtos, e a mão se expressa em traços com movimentos modulados que vão muito lentamente fazendo pequenas curvas nas linhas com as quais constrói seu espaço. Ela alterna seus momentos de ação plástica com momentos “aparentes” de silêncio. Nesses momentos entra em ação o olhar, com o qual ela parece querer controlar tudo o que existe além de seus limites físicos que são marcados por ela de maneira circular até onde suas mãos alcançam. Deixa o tempo passar quase sem sentir (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 152-153).

**Julen** observa as gotas de água. Duração do processo: dois minutos.

Quinze dias depois, em outra proposta com água, Julen, aos treze meses, demonstra uma acurada observação da caída das gotas de água. Encantado com a percepção, Julen adota os tempos da água quando ela cai. Os tempos perceptivos são definidos pela água e dão lugar a uma imitação que a criança internaliza, numa atitude de introduzir o exterior em si mesmo, sem marcar limites rígidos entre seus tempos e os da água (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 159).

**Javier**, nove meses. Duração do processo: cinco minutos de escuta ininterrupta.

A atitude de Javier diante da música é de uma escuta encantada que se materializa em breves gestos que traduzem os sons ouvidos. São gestos dos dedos das mãos e dos pés que alternam momentos de tensão e relaxamento em uma ativação muito sutil, guiada por sua resposta motora peculiar. Essas disposições dinâmicas definem como a criança se move em um ambiente sensorial causado pela surpresa e pelo prazer da escuta (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 179).

O movimento de análise das *paisagens* fílmicas não se propõe à objetividade na investigação dos ritmos e ações das crianças. Durante a pesquisa as autoras e o autor afirmam o lugar de observador nos materiais produzidos, inserindo-os também no contexto da observação. A câmera é conduzida por alguém amplamente marcado por



sua cultura, que possui intenções e expectativas e por conta disso, também deixa suas marcas no campo observado. Como uma pesquisa que está no campo das relações humanas, as emoções constituem marcas importantes e determinantes nas ações de pesquisadas/os e pesquisadoras/res, conduzindo seus modos de olhar, capturar, interpretar e narrar os movimentos observados. Um trabalho tecido na relação de adultos e bebês, de bebês com seus pares e destes com os objetos presentes no campo:

Somos nós, observadores, com nossas experiências internas, juntamente com o instrumento que usamos, além do elemento que desejamos descrever, que construímos uma interpretação do mundo, considerando que as possibilidades de pesquisa por meio de vídeo não são meramente soma de possibilidades do observador e do sistema de gravação. As possibilidades e limites do observador, juntamente com os da câmera, os do sujeito ou objeto a ser observado e as possibilidades e limites do contexto onde se observa, criam novos limites com suas características particulares. O resultado não é um padrão de pesquisa fechado, mas um método aberto (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 143-144).

A ética da pesquisa se constitui a partir do que se desenrola sob o olhar das/do observadoras/res, na forma como os vídeos são explorados. Mais do que reproduzir as imagens técnicas da pesquisa, as pesquisadoras e o pesquisador se encarregam de condensá-las em narrativas tratadas com rigor, mas com abertura para que as/os leitoras/res sigam seus próprios caminhos.

O ritmo envolve não só os bebês que vivenciam a materialização da experiência, mas também quem captura e materializa, no tempo, a experiência observada. Envolve a escrita, que se coloca como instrumento de esmiuçar cada movimento, descrever cada gesto sutil, revelar as pequenas e singulares intencionalidades de cada acontecimento e, por fim, o ritmo encontra o leitor que se envolve num ritmo instaurado pela narrativa. Em determinados momentos a narrativa convoca à uma leitura lenta, como se pudéssemos compartilhar de cada movimento descrito, em outros, a experiência convida à intensidade na leitura, vivenciando de uma nova perspectiva os ritmos experienciados pelos bebês.

## **UM CONVITE A OLHAR COM RESPEITO**

O livro **Ritmos infantis – tecidos de uma paisagem interior** faz sensível e vigoroso convite para que a relação com os bebês se constitua com base no respeito e no olhar sensível. Sua contribuição ainda se revela na acuidade metodológica adotada e apresentada, página a página, pelas autoras e pelo autor.

Pode-se concluir que a mais potente contribuição do livro está no encaminhamento metodológico que constituiu as paisagens apresentadas. Agregando-

se a esse componente, o caráter propositalmente aberto expresso pela escolha do referencial teórico multidisciplinar, bem como na disponibilidade intencional com que acolhem o inusitado, vertiginoso e complexo *ritmo* dos movimentos dos bebês, confirmando que “é importante tomar consciência de nossos tesouros formativos, que também são nossas jaulas, para saber que há outras possibilidades de relação” (AGUILERA; CABANELLAS; CABANELLAS; RUBIO, 2020, p. 178).

A concepção de infância assumida no processo de pesquisa coaduna e sustenta as perspectivas descritas anteriormente, revelando-se nos registros escritos e nas imagens cuidadosamente anexadas, inscrevendo quem os lê no percurso dos olhares, das interpretações, fazendo convergir as multiplicidades dos ritmos infantis. Cada movimento descrito é um símbolo de um processo de curiosidade, de afirmação, de imaginação e criação dos bebês no mundo, uma manifestação do seu existir vivo, potente e transgressor.

Revelar os tempos infantis é revelar o tempo da própria vida, com todas as suas nuances possíveis. Tempo de calma, de espera, de lentidão. Tempo fluído, de movimento, de velocidade, de entrega. Tempos como marcas e gestos dos bebês e dos adultos.

Fica a provocação para que se instaure tempos outros de *ser e de estar* com e entre bebês, refundando sentidos de ser presença a partir da consigna do *profundo respeito* e reconhecimento de que seus gestos e expressões revelam projetos que, no limiar intergeracional, propõe o sonho conjunto de produção de novas realidades mais humanizadas e humanizadoras, e para que os adultos se arrisquem a *interpretar o enigma do significado das ações infantis como uma maneira de entender melhor a si mesmos*.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Maria Isabel Cabanellas; CABANELLAS, Maria Clara Eslava; CABANELLAS, Juan José Eslava; RUBIO, Raquel Polonio. **Ritmos infantis**: tecidos de uma paisagem interior. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

CICCONE, Albert. A ritmicidade nas experiências do bebê, sua segurança interna e sua abertura para o mundo. In: ARAGÃO, Regina Orth de; ZORNIG, Silvia Abu-jamara (orgs.). **Continuidade e descontinuidade no processo de subjetivação do bebê**. São Paulo: Escuta, 2018.

WINNICOTT, Donald Wood. **A criança e seu mundo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

#### SEGUIR INDÍCIOS: INFÂNCIA ENTRE ADULTOS E BEBÊS NA OBSERVAÇÃO RESPEITOSA DE SUAS AÇÕES

Follow clues: childhood between adults and babies in respectful observation of their actions

#### **Carla Almeida**

Especialista em Educação Infantil  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ  
Faculdade de Educação  
Seropédica - RJ, Brasil.  
[salmeida.carla@gmail.com](mailto:salmeida.carla@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-1797-4931>

#### **Nazareth Salutto**

Doutora em Educação  
Universidade Federal Fluminense - UFF  
Professora da Faculdade de Educação  
Niterói - RJ, Brasil.  
[nazarethssalutto@gmail.com](mailto:nazarethssalutto@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0001-8043-595X>

### ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Ribeiro de Almeida-22/303. CEP.: 22240060. Laranjeiras/RJ, Brasil.

### AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** C. Almeida, N. Salutto

**Coleta de dados:** C. Almeida, N. Salutto

**Análise de dados:** C. Almeida, N. Salutto

**Discussão dos resultados:** C. Almeida, N. Salutto

**Revisão e aprovação:** C. Almeida, N. Salutto

### CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

### LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste

periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

**PUBLISHER** – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

**EDITORES** – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão.

**HISTÓRICO** – uso exclusivo da revista

Recebido em: 25-08-2021 – Aprovado em: 22-04-2022